

PERCEPÇÃO – UMA REFLEXÃO TEÓRICA A PARTIR DA FILOSOFIA DE MAURICE MERLEAU-PONTY

PERCEPTION – A THEORETICAL REFLECTION FROM THE PHILOSOPHY OF MAURICE MERLEAU-PONTY

PERCEPCIÓN - UNA REFLEXIÓN TEÓRICA A PARTIR DE LA FILOSOFÍA DE MAURICE MERLEAU-PONTY

Ana Izabel Jatobá de Souza¹
Alacoque Lorenzini Erdman²

Este trabalho traz uma reflexão teórica sobre o conceito de percepção e do significado que este representa para a enfermagem. Pretende abordar as contribuições de Maurice Merleau-Ponty para o entendimento do referido conceito e sua importância para a profissão, em especial na compreensão do universo de crianças com diagnóstico de câncer. Retoma o conceito de percepção do outro e de si como possibilidade na construção de estratégias de cuidado e de reflexão sobre o mundo vivido por crianças na área oncohematológica pediátrica, identificando, na fenomenologia, um caminho de investigação e de crítica sobre a abordagem à criança nos estudos da Enfermagem.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção. Enfermagem. Criança. Câncer. Fenomenologia. Cuidado.

This study brings a theoretical reflection regarding the concept of perception and its significance to nursing. It aims to consider Maurice Merleau-Ponty's contributions to the understanding of the concept mentioned and its importance to the profession, specifically in the comprehension of the universe of children diagnosed with cancer. The study retakes the concept of perception of others and self-perception as a possibility in the construction of care and reflection strategies regarding the world lived by children in the pediatric onco-hematology area. It identifies, in the phenomenology, a road to the investigation and critique regarding the approach to children in nursing studies.

KEY WORDS: Perception. Nursing. Children. Cancer. Phenomenology. Care.

Este trabajo trae una reflexión teórica sobre el concepto de percepción y del significado que representa para la enfermería. Se propone abordar las contribuciones de Maurice Merleau-Ponty para el entendimiento del referido concepto y su importancia para la profesión, especialmente en la comprensión del universo de niños con diagnóstico de cáncer. Retoma el concepto de percepción del otro y de sí mismo, como una posibilidad en la construcción de estrategias del cuidado y de la reflexión sobre el mundo vivido por los niños en el área de oncohematología pediátrica identificando, en la fenomenología, un camino de investigación y de crítica sobre el abordaje al niño en los estudios de enfermería.

PALABRAS-CLAVE: Percepción. Enfermería. Niño. Câncer. Fenomenología. Cuidado.

¹ Msc. em Assist. de Enfermagem, Profa. Assist. do departamento de Enf./UFSC, Especialista em Enf. na Saúde da Família e Doutoranda em Enf./UFSC.

² Dra. em Filosofia e Enf., Professora Titular do Departamento de Enf. e da PEN/UFSC, Orientadora.

INTRODUÇÃO

Perceber é um verbo comumente usado no dia “a” dia. Habitualmente, ao expressarmos uma opinião, colocamos, antecipadamente, expressões como: *conforme posso perceber, eu percebo que...* É como se fôssemos, através da percepção, movidos pelo juízo que temos das coisas que ouvimos, vemos e pensamos. Sempre percebemos algo do que nos cerca e, a partir disso, emitimos opiniões, julgamos, formulamos outras idéias, contra argumentamos, complicamos ou clareamos o entendimento tanto individual como coletivo. Banalizado pelo cotidiano, pouco paramos para refletir sobre o que o termo *percepção* significa, em que sentido tem sido usado e qual a importância deste conceito para a filosofia e para a enfermagem.

Os estudos da psicologia deram, ao longo do tempo, um realce significativo à questão da *percepção*, principalmente ao estabelecer os mecanismos fisiológicos pelos quais ela se processa. O mapeamento acerca da captação, da condução dos estímulos e seu processamento a nível cerebral tem sido destaque em estudos psicológicos e neurofisiológicos. Contudo, foi na gestalteoria, que a percepção ganhou ênfase, sendo estas contribuições utilizadas, inclusive, por filósofos como Maurice Merleau-Ponty, para subsidiar as implicações deste conceito, indo muito além das contribuições vindas desta área.

A discussão sobre o tema *percepção* tem sido, muitas vezes, atrelada ao de sensação. Os conceitos de percepção e sensação geralmente têm sido confundidos, entretanto, muitos trabalhos na área da psicologia demonstram que a sensação está mais apropriadamente relacionada à captação dos estímulos internos e externos através das fibras nervosas e da condução destes até as áreas cerebrais, nas quais o estímulo será decodificado. A decodificação do estímulo constituir-se-ia então na percepção, podendo-se, daí, proceder à identificação do mesmo. Contudo, Witthaker (1977, p. 349) afirma: “[...] a percepção não é uma resposta rígida ligada ao estímulo, determinada somente

pelas características físicas do meio, e sim um processo bipolar resultante da interação entre condições de estímulo por um lado e fatores inerentes ao observador (e/ou fatores sociais externos) ou outro.”

Se por um lado o estudo da percepção é importante para a psicologia e dela tem sido possível extrair algumas contribuições para o entendimento deste fenômeno, qual seria a importância deste conceito para a filosofia? Neste sentido, percebemos que tanto quanto a psicologia, a filosofia também tem dificuldades para diferenciar a sensação da percepção. Contudo, sob o aspecto filosófico, esta importância se dá, à medida que mergulhamos nos caminhos do saber e procuramos uma resposta para as indagações que o mundo nos traz.

A percepção, enquanto uma preocupação filosófica, faz parte da história do pensamento ocidental, através da contribuição de vários pensadores, tais como Aristóteles, Telésio, Bacon, Descartes, Spinoza, entre outros, que se dedicaram à reflexão do que esta palavra significa, bem como de suas implicações como resposta aos dilemas impostos pelo conhecimento. A percepção, filosoficamente, parece estar relacionada a temáticas importantes, tais como: o conhecimento, o pensamento, a reflexão, a verdade, o juízo, o real, o imaginário e a problemática do ser. Estes são alguns dos temas que emergem ao retomarmos este conceito da filosofia. Dentre os pensadores que aprofundaram as questões sobre esta temática encontra-se Maurice Merleau-Ponty, que dedicou várias de suas obras a este tema.

Interessadas em mergulhar no mundo vivido por crianças com diagnóstico de câncer e na percepção destas sobre seus enfrentamentos, bem como compreender as mudanças existenciais decorrentes da doença, buscamos aprofundar o entendimento sobre este conceito. Compreender o significado do viver experienciado pelos seres humanos de quem a Enfermagem cuida, pode contribuir para a

compreensão deste mundo, bem como alicerçar a construção de estratégias de cuidado.

O universo oncohematológico pediátrico tem se constituído em foco de investigação por pesquisadores como Souza (1995), Valle (1997), Motta (1998), entre outros. Embora várias das nuances que o permeiam estejam contidas em alguns dos trabalhos citados, pensamos que ainda há a algo a ser compreendido, principalmente no que se refere ao vivenciado pela criança. Desta forma, acreditamos que a *percepção* desta pode ser um dos caminhos que nos permitam compreender uma das facetas da realidade vivida por elas. Daí o interesse pela compreensão deste conceito, pois este pode ser um recurso na caminhada.

Neste contexto, este estudo tem como objetivo refletir sobre o conceito de percepção para a prática da enfermagem, em especial na área oncohematológica pediátrica, a partir da contribuição do pensamento de Maurice Merleau-Ponty.

UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE MERLEAU-PONTY

Maurice Merleau-Ponty nasceu em 1908, em Rochefort-sur-Mer, e morreu em Paris, em 1961. Estudou filosofia na Ecole Normale Supérieure (1930), em 1945 foi nomeado mestre de conferências da Universidade de Lyon e, em 1949, obteve a cátedra de psicologia e pedagogia na Sorbonne. A *Estrutura do Comportamento*, publicado em 1938, foi o seu primeiro livro e o ponto de partida de sua filosofia, no qual estabelece a noção de corpo próprio (CHAUÍ, 1989).

Segundo Corrêa (1975), o solo de ancoragem da filosofia de Merleau-Ponty é a própria experiência. Em suas obras, estabelece uma crítica à inclinação reificadora da ciência e da prática científica tanto quanto aos desvios idealistas. Destaca, ainda, que Merleau-Ponty procura denunciar, na psicologia, por exemplo, a reificação do comportamento, na “[...] qual há uma tendência a tomá-lo como ‘coisa’, como

‘dado’, fazendo dele uma ‘natureza’ quando na verdade é uma manifestação de uma história que se faz, da vida que se tece.” (CORRÊA, 1975, p. 14). Em sua obra, Merleau-Ponty procura compreender a “junção do sentido e da existência” realizada pela condição humana: “parte do mundo”, com todas as suas inerências biológicas, psicológicas, mas também como “ser intencional”, capaz de visar todas as coisas não sendo nenhuma delas (CORRÊA, 1975, p. 15).

Para Corrêa (1975), a obra de Merleau-Ponty apresenta um estímulo para o desenvolvimento de uma práxis interdisciplinar, na qual a filosofia tem muito a contribuir. Junto com Sartre, Merleau-Ponty foi um dos mais eminentes representantes da corrente fenomenológica originada de Husserl.

Mergulhar no pensamento de Merleau-Ponty significa navegar em mares nem sempre calmos, mas extremamente instigantes. Entretanto, quando este toma a si a tarefa de recolocar a experiência do sujeito como possibilidade de compreensão e conhecimento, retomando o sentido ontológico do ser, embrenhando-se no entendimento da percepção, o resultado é uma obra que nos convida a refletir e a repensar a forma de pensamento pela qual observamos o mundo.

Em nenhum momento, Merleau-Ponty desconsidera as contribuições que o progresso da ciência representou para a humanidade; contudo, sua crítica parece estar dirigida à divisão imposta não apenas pelos seguidores de Descartes ou por seus antecessores, como Galileu, mas pela cisão que estes fazem ao retirar a condição ontológica do ser humano e de sua experiência do cenário do conhecimento, tendo como verdade apenas o que pode ser medido e verificado pelo sistema lógico da matemática e da geometria. Na visão destes filósofos, somente estes conhecimentos ganhariam o reconhecimento, a confiabilidade e a validade necessária para serem considerados científicos. Neste reino, a subjetividade foi posta ao largo, tanto quanto a experiência perceptiva ou simbólica como formas de conhecer e reconhecer o que seja verdade. Estas

permaneceram por muito tempo banida do mundo da ciência.

Para Müller (2001), ao estabelecer a crítica à ontologia cartesiana de nossa cultura, Merleau-Ponty propõe uma nova metodologia, realizada sob a forma de uma descrição do mistério da expressão inerente às nossas experiências perceptivas ou simbólicas. O autor refere que a crítica de Merleau-Ponty a Descartes está relacionada à compreensão que este tem dos fenômenos, a partir de uma divisão entre uma *res extensa* (matemática, geometria) e uma *res cogitans* (subjetividade inextensa, cuja essência é o pensamento), destituindo as experiências do valor cognitivo em cuja ontologia os fenômenos são somente o poder para representar as experiências através do pensamento.

Müller (2001) reforça que mesmo os opositores de Descartes não reconheceram nossas experiências como tendo qualquer significação, senão a de depositária de efeitos sensíveis, volitivos e simbólicos, gerados a partir daqueles fenômenos. Contudo, foi nos estudos da Gestaltheorie que pôde se provar o contrário. Segundo Merleau-Ponty, a partir de Müller (2001, p. 15): “[...] os fenômenos perceptivos para serem compreendidos não dependem de uma representação ‘anímica’ exterior aos elementos sensíveis de nossa experiência.” Desta forma, os fenômenos estariam indissociavelmente ligados às nossas experiências. Entretanto, Merleau-Ponty reforça que tanto gestaltistas quanto neurologistas permanecem cúmplices da ontologia cartesiana, pois embora admitam uma autonomia na concepção das “representações fenomênicas”, ainda compreendem a experiência como o correlativo subjetivo dos fenômenos em si.

Merleau-Ponty propõe, segundo Müller (2001), uma reconsideração descritiva de nosso contato com o corpo próprio, com as coisas mundanas e com o outro através do conceito de expressividade da experiência, entendendo-o como “[...] a maneira ‘espontânea’ como aquele contato institui significações ou fenômenos, cuja motivação principal seria o reconhecimento e a caracterização discursiva da inerência do

fenômeno à experiência através do conceito de expressão.” (MÜLLER, 2001, p. 15).

Apoiado na lingüística, na moderna fisiologia e na psicologia da forma, Merleau-Ponty dedicou-se a investigar os desdobramentos constitutivos de nossa experiência, e a maneira como introduzem esses excessos, restituindo à experiência o seu poder criador. Para Müller (2001, p. 23): “[...] o desafio da filosofia de Merleau-Ponty é restabelecer no âmbito discursivo o ponto de contato entre os fenômenos e as nossas experiências, sem com isso retornar a visão Aristotélico-Tomista.” Merleau-Ponty revê os conceitos deixados pela ontologia cartesiana, através dos quais interpretamos a experiência, sejam eles a sensação, a recordação, a atenção e o juízo, dentre outros, e denomina esta postura de *reflexão radical*. Este, segundo Müller (2001, p. 25):

[...] trata-se de um procedimento redutivo, cujo objetivo é desonerar os termos que Merleau-Ponty empregará em seu projeto descritivo. A partir deste surge a delimitação do campo fenomenal no qual os estudos de Merleau-Ponty estão inscritos. É através do campo fenomenal que Merleau-Ponty descobre a íntima vinculação entre a natureza implicativa dos gestos empregados em nossas experiências simbólicas e as significações fenomênicas reveladas por tais experiências, permitindo-lhe descrever a maneira como as significações emergem em nossas experiências.

Restituir à experiência o seu valor originário foi aprofundado em várias obras de Merleau-Ponty, principalmente através dos estudos acerca da percepção. Na *Fenomenologia da Percepção* (1999), ele retoma muito de seus estudos no campo da Gestaltheorie, a fim de realizar sua reflexão filosófica. Os achados da Gestalt o auxiliam na constatação de como o ser humano percebe e os processos implicados neste ato. Contudo, é através do pensamento filosófico que o pensador ultrapassa estes achados e retoma o contexto existencial da experiência do sujeito que percebe. Segundo a sua concepção, o corpo não é um objeto como outro qualquer no mundo, mas sim o meio de comunicação com o mundo, como horizonte da experiência. Assim, afirma:

[...] o sujeito que percebe é o corpo como campo perceptivo e prático, enquanto os gestos têm um

certo alcance e circunscrevem, com o domínio conjunto de objetos familiares. A percepção desta maneira é uma referência a um todo que só é apreensível através de certas partes ou certos aspectos seus. A coisa percebida não é uma unidade ideal possuída pela inteligência, ela é uma totalidade aberta ao horizonte de um número indefinido de perspectivas que se recortam segundo um certo estilo, estilo esse que define o objeto do qual se trata. (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 47-48).

Para Merleau-Ponty (1999, p. 317), ao percebermos palavras ou objetos, há, habitualmente, uma atitude corporal, na qual existe um

[...] modo específico de tensão dinâmica que é necessária para estruturar a imagem [na qual] [...] o corpo não é apenas um objeto entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual ela as acolhe.

Ao falar sobre a imagem e a significação do percebido, o pensador também retoma as questões referentes ao símbolo e ao significado que o mundo tem para nós. A palavra como um dos estímulos, repleto de símbolos e significados, é analisada por ele. Entretanto, ele não reduz a significação da palavra e nem a significação do percebido a uma “soma de sensações corporais”, afirmando que “[...] o corpo, enquanto tem ‘condutas’, é este estranho objeto que utiliza suas próprias partes como simbólica geral do mundo, e através da qual, podemos ‘frequentar’ este mundo, ‘compreendê-lo’ e encontrar uma significação para ele.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 317).

Ao revisar os conceitos de sensação implícitos nas teorias científicas, afirma que estas se confundem com a percepção, ou seja, confunde-se o objeto percebido com quem o percebe. Assim: “[...] o sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida. É a ele que o objeto percebido e o sujeito que o percebe devem sua espessura. Ele é o tecido intencional que o esforço de conhecimento procurará decompor.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 84).

No entendimento de Merleau-Ponty (1999, p. 324): “[...] aquilo que chamamos de sensação é apenas a mais simples das percepções e,

enquanto modalidade da existência, ela não pode, assim como nenhuma percepção, separar-se de um fundo que, enfim é o mundo.”

No pensar merleau-pontyano:

A psicologia da percepção está carregada de pressupostos filosóficos que se introduzem com as noções aparentemente mais inocentes: de sensação, de imagem mental, de recordação, entendidas como um ser permanente [...] Os problemas últimos da percepção – o sentido da verdade no conhecimento, a elucidação do problema psicológico não poderia estar completa sem o recurso à filosofia da percepção. (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 20).

Explica-se, então, o interesse filosófico representado pela percepção a partir das contribuições da psicologia. Merleau-Ponty explicita o interesse pela fenomenologia de Husserl a partir de dois focos principais: pelas contribuições desse filósofo à fenomenologia (transcendental ou constitutiva) como uma nova filosofia, cujo problema primordial não é o problema do conhecimento, dando lugar a uma teoria do conhecimento absolutamente distinta do criticismo, e pela crítica de Husserl ao psicologismo através da

[...] insistência na redução em virtude da qual se passa da atitude natural, que é a da psicologia, como a de todas as ciências positivas, à atitude transcendental, que é a atitude da filosofia fenomenológica. Esta diferença de atitude basta para estabelecer uma demarcação muito nítida entre, por exemplo, as análises fenomenológicas e as análises psicológicas referentes ao mesmo tema. (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 21).

A análise do pensador sobre as contribuições da fenomenologia na psicologia e vice-versa, mesmo nas obras de Husserl, não o impedem de destacar a distinção do método fenomenológico dos usados na psicologia. Para ele “[...] a fenomenologia distingue expressamente entre o método eidético e o método indutivo (isto é o experimental) e não contesta a legitimidade deste [...] a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência.” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 22). A partir disto, ele acredita que a fenomenologia é:

[...] uma filosofia que repõe as essências na existência sem que se possa compreender o homem e o

mundo de outra maneira senão a partir de sua 'facticidade'. A Fenomenologia como filosofia transcendental coloca em suspenso, para compreendê-la, as afirmações da atitude natural, mas também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo para dar-lhe o estatuto filosófico [...] É um relato do espaço e do tempo, do mundo vivido. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência a sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 2).

Merleau-Ponty (1990, p. 42) identifica a percepção como modalidade original da consciência:

[...] a matéria é "grávida" de sua forma, o que quer dizer, em última análise, que toda percepção tem lugar num certo horizonte e enfim no "mundo" e que ambas nos são presentes mais praticamente do que explicitamente conhecidas e colocadas por nós e que, enfim, a relação de certo modo orgânica do sujeito perceptor e do mundo comporta por princípio a contradição da imanência e da transcendência.

Segundo Merleau-Ponty (1990, p. 42), seria consequência filosófica desta constatação: "[...] o mundo percebido seria o fundo sempre pressuposto por toda racionalidade, todo valor e toda existência. Uma concepção deste gênero não destrói nem a racionalidade, nem o absoluto. Busca fazê-los descer à terra."

A síntese perceptiva é, para Merleau-Ponty (1999, p. 321): "[...] uma síntese temporal; a subjetividade, no plano da percepção, não é senão a temporalidade, e é isso que nos permite preservar o sujeito da percepção a sua opacidade e sua historicidade." A questão da temporalidade é um outro aspecto do pensamento deste autor que junta em um mesmo espaço, presente e passado frente a um mesmo objeto. Segundo ele:

[...] não existe objeto ligado sem ligação e sem sujeito, nenhuma unidade sem unificação, mas toda síntese é simultaneamente distendida e refeita pelo tempo que, em um único movimento, a põe em questão e a confirma porque ele produz um novo presente que retém o passado em uma relação dialética do tempo constituído e do tempo constituinte. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 321).

Genericamente, as bases ontológicas do pensamento de Merleau-Ponty referem-se, consoante Mora (1981, p. 56), a três pontos principais:

[...] a percepção como uma modalidade original da consciência; o mundo percebido não é um mundo de objetos como o que concebe a ciência; no percebido há não só uma matéria, mas também uma forma. O sujeito que percebe não é um interpretador ou decifrador de um mundo supostamente caótico e desordenado. Toda percepção se apresenta dentro de um horizonte e no mundo. Tal concepção não é só psicológica, não pode superpor-se ao mundo percebido um mundo de idéias. A certeza da idéia não se funda na percepção, senão que descansa sobre ela.

Müller (2001, p. 27) afirma que, em Merleau-Ponty: "[...] os fenômenos do corpo e do mundo circundante são totalidades expressas. Os fenômenos do mundo são uma relação de implicação entre os nossos dispositivos anatômicos e os dados." Destaca ainda que o filósofo "[...] não parte de uma prévia definição de mundo, não antecipa para a experiência uma condição onto ou epistemológica, mas reconhece a primordialidade do que logramos através do corpo, procurando determinar como o fazemos." (MÜLLER, 2001, p. 29). Segundo ele, Merleau-Ponty procura explicar "[...] a relação implicativa das partes de nossa experiência privilegiando o modo temporal segundo a qual eles se manifestam, sendo o tempo a estrutura implicativa de nossa experiência." (MÜLLER, 2001, p. 29).

Ao compor os seus estudos acerca da percepção, Merleau-Ponty retorna, em vários momentos, à história do pensamento filosófico ocidental, procurando revisar e refutar muitas das concepções que a percepção recebeu ao longo do tempo. Além de formular um pensamento, tido por vários críticos como inovador, é importante averiguar qual tem sido a contribuição de seu pensamento para áreas como a enfermagem. Até que ponto o pensamento pontyano pode servir de subsídio para a compreensão de fenômenos na saúde e na enfermagem?

MERLEAU-PONTY E A ENFERMAGEM

As contribuições de Merleau-Ponty para a compreensão do conceito de percepção nos fornecem mais que uma definição e nos coloca frente a um problema existencial. Por focar

questões como o ser no mundo, a existência, a corporeidade, a expressividade, entre outros, ele tem sido usado como referencial para a compreensão filosófica no campo de atuação da enfermagem. Nesta, há estudos que, a partir de Merleau-Ponty, aprofundaram assuntos relacionados à problemática do vivido por pessoas com problemas de saúde, como nos trabalhos de Polak (1996), Motta (1998) e Labronici (1999). Estes estudos nos trazem a problemática da corporeidade dos sujeitos participantes e retratam o emprego que a concepção deste conceito tem para o ser humano que vivencia uma doença em sua existência. A noção de corporeidade, mediada pela percepção, expressa que perceber significa tornar algo presente a si com a ajuda do corpo, tendo a coisa sempre seu lugar num horizonte de mundo e consistindo a decifração em colocar cada detalhe nos horizontes perceptivos que lhe convenham (LABRONICI apud MERLEAU-PONTY, 1999).

A relevância da percepção para a Enfermagem pode ser encontrada em Labronici (1999), a partir dos estudos de Polak (1996), no qual a percepção significa um instrumento de acesso ao mundo. Polak (1996 apud LABRONICI, 1999) acredita que a percepção possibilita a apreensão e interpretação das coisas e do mundo que nos rodeia, abrindo-nos a possibilidade de entrarmos no mundo do cliente, conhecê-lo e orientá-lo durante o cuidar, possibilitando que o outro nos perceba. A percepção torna-se, assim, o ponto inicial do processo de cuidar, no qual, através da linguagem, há a possibilidade de compreensão de todo o simbolismo presente nos rituais de cuidado, bem como em todo o viver social, tornando o percebido visível, objetivando-o com o uso da linguagem.

A concepção da percepção como instrumento também se encontra no estudo de Matheus, Fugita e Sá (1996), quando abordam a observação como instrumento básico para o cuidar. Embora estas autoras enfoquem a percepção no contexto da observação e não avancem as discussões filosóficas que ela

determina, ainda é possível vislumbrarmos a importância que esta representa para o conhecimento em enfermagem.

Motta (1998), ao desvelar o tríplice mundo da criança, do hospital e da família que vivencia problemas oncológicos, encontra a *percepção* como um dos conceitos principais. Partindo da percepção dos elementos da equipe de saúde sobre si mesmos, sobre as crianças e famílias cuidadas, ela apresenta as repercussões do câncer no ser-no-mundo destes integrantes. As famílias e as crianças também expressaram como se percebiam e experienciavam as mudanças existenciais em função da doença. Merleau-Ponty foi um dos referenciais utilizados por Motta (1998) nessa composição, bem como outros autores com abordagem fenomenológica. Desta forma, não apenas Merleau-Ponty como também a fenomenologia podem ser formas de investigação e de crítica dos conceitos e modelos terapêuticos utilizados pela equipe de saúde, envolvendo a criança com diagnóstico de câncer.

Podemos perceber que a aplicabilidade do pensamento de Merleau-Ponty como reflexão filosófica na enfermagem, junto com outros autores existencialistas como Heidegger, tem sido freqüente. O que determina este interesse? A problemática de algumas situações de saúde-doença vivenciadas por clientes e profissionais da área merece uma abrangência filosófica, levando os pesquisadores a buscarem outros métodos que ampliem alguns aspectos do vivido. Mas o que esta tendência indica?

REFLETINDO SOBRE A PERCEPÇÃO

Ao entrar em contato com os trabalhos nos quais Merleau-Ponty aparece como referência e ao iniciar o estudo sobre a percepção acorreram-nos algumas indagações, tais como: O que a percepção destes participantes revela? Qual o impacto de darmos a vez e a voz aos clientes cuidados para que expressem a percepção que têm de si mesmos e do mundo que os cerca? Qual o significado de ouvirmos aqueles que cuidam sobre o fazer, o sentir e o viver enquanto

cuidadores, enquanto seres humanos? Em que a percepção do outro nos permite ampliar os horizontes do conhecimento e construir possibilidades de cuidado em enfermagem?

Ao fazer-nos tais questionamentos, percebemos-nos ainda mergulhadas nos moldes tradicionais da construção do conhecimento e da ciência. É inegável que esta herança e esta forma de pensar, tão arraigada em nossa formação, não nos abandonará com facilidade. Apesar da linearidade presente neste raciocínio, isso não nos impede de refletir sobre a contribuição da percepção do outro como uma forma de ampliar o conhecimento de um determinado fenômeno, mesmo que a compreensão do mundo vivido pelo outro não possa ser generalizada.

Se, como afirma Merleau-Ponty (1990, p. 42), “[...] toda a percepção se apresenta dentro de um horizonte e no mundo”, a percepção do outro contém inúmeras nuances que não conseguimos perceber, iluminadas que estamos pelas perspectivas de nossas próprias percepções e de nossos modos de ver. O que isso muda se vivemos mergulhados em nosso próprio horizonte e é a partir dele que percebemos o mundo? Compartilhar, a partir da comunicação e da linguagem do corpo, é uma possibilidade que se abre para compreendermos a percepção que o outro tem do mundo, de si mesmo e de tudo que percebe. Daí porque, a noção de corporeidade devolve ao ser humano o elo através do qual ele estabelece o contato com o mundo interno e externo.

O corpo não é apenas o veículo de um ser de idéias, que calcula, divide e multiplica a experiência; é aquele que a vive, que a experimenta, que se emociona diante do êxtase que o mundo propicia, é aquele que, com os seus gestos, comunica muito além da linguagem convencional e das palavras. Há, nessa noção, a capacidade de expressão de que o corpo é capaz. Segundo Müller (2001, p. 26): “[...] o conceito de expressão é uma operação primordial na forma da qual nossas experiências gestuais induzem fenômenos ou significações

simbólicas.” Müller (2001, p. 26) retoma Merleau-Ponty ao afirmar: “[...] todos os nossos comportamentos nós podemos verificar essa potência irracional, por cujo meio nosso corpo cria significações que são transcendentem em relação ao dispositivo anatômico, e todavia imanentes ao comportamento enquanto tal.”

O corpo é muito mais que um amontoado de células ou um simples objeto no contexto do mundo. É com o corpo que me comunico e que percebo o mundo. Essa capacidade de socializar e de expressar ao outro o percebido é que nos possibilita compreendermos um pouco mais sobre o que o outro vive. A significação que o mundo percebido tem para cada indivíduo é diferente e a socialização destas percepções pode ser um fator que nos permita compreender e refletir sobre esses significados, como forma de ultrapassarmos a própria limitação que a experiência do outro nos dá.

Os profissionais de enfermagem, por serem seres humanos que diuturnamente interagem com outros seres humanos, igualmente perceptivos e sensíveis, necessitam valorizar mais a percepção do outro e a de si mesmo.

Quantas terapêuticas têm sido impostas ao outro de forma que o violenta não apenas na sua integridade física, mas na sua forma de ser-no-mundo? O quanto, em nome da ciência, têm sido impostas condutas de tratamento que desconsideram a experiência vivida pelo outro, arraigados que estamos num saber supostamente infalível, generalizável, do qual não se pode queixar e do qual não se deve desviar? O quanto a nossa percepção, como profissionais, está extremamente viciada em regras e formas de conduta que nos impedem de exercitarmos a habilidade que o nosso corpo nos proporciona que é ouvir, ver, indo um pouco além dos paradigmas do certo, do errado e do dever ser?

Embora tenhamos um corpo aparelhado com todas as possibilidades físicas e psíquicas, ele parece não perceber, não sentir, levado que está pelo horizonte do mundo profissional que, se por um lado amplia, por outro parece limitá-lo na sua forma de ver e perceber o mundo. Talvez

daí apareçam as conseqüências filosóficas proporcionadas pelo conhecimento e pela percepção do mundo que a ciência nos oferece. Talvez devamos nos perguntar como recuperar a integralidade dos seres envolvidos nesse processo, já que esta ciência, que tanto se defende nos círculos acadêmicos e para a qual se erigem altares de sapiência, recupere a sabedoria da qual a Filosofia tanto nos fala.

Não se trata de negar as contribuições e os avanços científicos, mas de ir além e perguntar qual o ônus que a visão compartimentada e dicotomizada da ciência tradicional tem trazido para a mesma humanidade que julga querer salvar? Na atualidade, as discussões quanto à clonagem de seres humanos, como um benefício da ciência, nos impõe uma reflexão filosófica aprofundada acerca desses novos caminhos. A defesa de uma ética da responsabilidade advogada por alguns pensadores contemporâneos lembra-nos a importância da discussão filosófica sobre os assuntos que a ciência nos coloca no cotidiano.

Retomar a experiência do outro e a forma como ele se percebe nela exige uma responsabilidade de reflexão que permita clarear as significações que a experiência tem para o pesquisador e o ser pesquisado. As contribuições desta forma de investigar talvez mostrem a particularidade de cada um e nos permita perceber algumas das contradições em que, às vezes, mergulhamos.

No cotidiano do trabalho em enfermagem, freqüentemente emergem depoimentos que retratam o quanto o saber científico dos profissionais da saúde pode ser a fonte de um constante mal-estar, e o quanto estas pessoas julgam-se desvalorizadas no conhecimento que possuem, sentindo-se afrontadas e amedrontadas pela forma como uma investigação diagnóstica é conduzida.

Ao adentrarmos na área pediátrica, percebemos algumas dessas dificuldades, principalmente quando nos reportamos a um exemplo banalizado para os profissionais da saúde que é a aplicação de uma injeção. Para a criança que a

recebe, esse procedimento, de acordo com a faixa etária, pode ser percebido como um evento extremamente ameaçador. O que a fez percebê-lo desta forma? Responder a esta pergunta significa retomar conhecimentos de biologia, de psicologia e outras tantas áreas da ciência biológica e de Merleau-Ponty, quando trata da percepção. Ao retomarmos o conceito de *corpo próprio* em Merleau-Ponty, poderemos perceber que o corpo tem uma intencionalidade, pois é através da experiência do corpo que a criança registra a dor da agulha penetrando o músculo e o medicamento espalhando-se pelos tecidos, estimulando os receptores nervosos através dos mediadores químicos. Mais do que isso, a criança percebe a restrição de movimentos a que foi imposta para aplicação da medicação, percebendo-se, provavelmente, impotente ante a força dos braços que a contêm.

Além da dor da picada e da restrição física no momento da aplicação, as palavras e expressões com as quais os profissionais e quem a acompanha se referem a ela são outros pontos de conexão que determinam inúmeras percepções. Mensagens incoerentes, do tipo *não vai doer; é só uma picadinha*, seguidas da dor que o corpo sente e registra são algumas das situações que terminam por caracterizar a percepção de uma violência sofrida para a criança. Mesmo que seja amenizada pelo aconchego após a aplicação, pela expressão de sofrimento do profissional diante do procedimento, esta experiência é significativa e a simples visualização de uma pessoa de branco, de seringas, pinças ou dos locais para a realização dos procedimentos técnicos são suficientes para retirar de algumas crianças, principalmente as hospitalizadas, o sorriso e o sossego.

Quando se considera a percepção de dor do outro há uma possibilidade de comunicação e de busca por novos caminhos de cuidado. Contudo, quando a dor, um fenômeno pessoal, subjetivo, impõe-se no cotidiano da clínica? Se o cliente for adulto este poderá expressar o que dói, onde dói, como dói e o que esta dor lhe retira de qualidade e muitas vezes até de

vontade de viver? Quantas vezes acreditamos na percepção dolorosa do paciente? Quantas vezes o medicamos ou contestamos analgésicos ineficazes para conter situações de dor extremamente refratárias aos medicamentos comuns como as representadas pela dor oncológica? E quando a criança sente dor?

Dependendo da faixa etária, a possibilidade de verbalização, localização e intensidade da dor é possível. E os recém-nascidos? Hoje em dia, os resultados de algumas pesquisas mostraram que a percepção dolorosa em recém-nascidos, principalmente os pré-termos, pode ser o dobro da percebida por crianças maiores. O *stress* do recém-nascido seria multiplicado ao cubo em função dos procedimentos técnicos, como a aplicação banal de uma injeção. Quais as repercussões para o ser-no-mundo de recém-nascidos prematuros que permaneceram muito tempo hospitalizados?

Para amenizar os riscos de traumas físicos e psíquicos é que se tem investigado formas de amenizar o sofrimento desencadeado pelos procedimentos invasivos, principalmente em crianças. Ouvi-las sobre a percepção que têm diante destes eventos e o que estes significam pode nos dar a dimensão da problemática e construir algumas possibilidades de amenizá-la. O que fazemos com aquelas que não podem expressar verbalmente o que lhes aflige? Talvez, daí, devamos recorrer a alguns artifícios como as engenhocas eletrônicas e, mais do que tudo, ao nosso corpo, enquanto detentor de condições que lhe permitem ver, ouvir, comparar e pensar. Treinar algumas destas habilidades pode representar o aperfeiçoamento da capacidade perceptiva, ampliando-nos as possibilidades enquanto ser-no-mundo.

CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO FILOSÓFICO DA PERCEPÇÃO A PARTIR DE MERLEAU-PONTY PARA A PROBLEMÁTICA DA CRIANÇA COM DIAGNÓSTICO DE CÂNCER

Os estudos na área da Enfermagem oncológica desenvolvidos por Radünz (1998),

em especial da oncologia pediátrica, como os de Souza (1995, 1999) e Motta (1998), entre outros, são alguns dos motivadores para mergulhar nesta temática.

O estudo da percepção a partir de Merleau-Ponty ganha uma direção que se aproxima mais da problemática do ser-no-mundo da criança com diagnóstico de câncer, porque resgata, no conceito de expressão, a possibilidade destas contarem um pouco como percebem e como enfrentam as mudanças existenciais decorrentes da doença oncológica e dos recursos que mobilizam nesse enfrentamento.

Ao iniciar a compreensão acerca do conceito de percepção em Merleau-Ponty, pensamos que talvez seja necessário questionar-nos sobre os prejuízos imersos na percepção do câncer pela criança, pelos familiares, pela comunidade, pelos profissionais da rede de saúde e no âmbito das políticas públicas. Até que ponto a percepção negativa, mitificada pelo senso comum, de que câncer significa morte, influi no comportamento dos familiares, dos profissionais de saúde e na organização das políticas públicas? As crianças compartilham da mesma percepção sobre o câncer que os adultos? Elas acreditam que ter câncer significa estar diante de uma sentença de morte? Até que ponto o investimento das políticas públicas, no que se refere à problemática destes clientes, está alicerçada na percepção sobre a doença por parte de quem as formula? São estas indagações que nos fazem pensar que, mais do que um conceito a ser definido, a percepção encerra todo um contexto que determina comportamentos, opiniões e suas conseqüências. Além disto, parece estar diretamente implicado em contextos que vão além do mundo vivido para nós, alcançando a dimensão do outro, que se amplia para uma dimensão macro institucional, macrosocial gerenciando ações e reações.

O desafio de procurar os caminhos para o entendimento acerca da problemática da criança com câncer são muitos e atravessam distintas questões, a exemplo de como a nossa percepção da doença influi na nossa capacidade de

acreditar nas possibilidades do outro de ser e vir a ser. Perceber e acreditar no que há de saudável, mesmo na presença da doença, é um caminho que pode ser percebido no comportamento prático dos profissionais da saúde ou será que valorizamos o mórbido, o que desvaloriza a potencialidade do outro e o inviabiliza como ser humano? Essas são questões para as quais ainda não temos resposta e nem a pretensão de dá-las neste trabalho. Elas são fruto das indagações que esta aproximação inicial com o pensamento de Merleau-Ponty e os estudos de Müller (2001) a partir dele, têm levantado. Haverá respostas ou serão perguntas que nos farão lembrar a nossa e a subjetividade do outro? Provavelmente ambas, porque um e outro estão implicados nesta caminhada como seres imersos no mundo da existência.

ALINHAVANDO OUTRAS REFLEXÕES.....

O pensamento de Merleau-Ponty abre algumas possibilidades para a compreensão da problemática da saúde e da doença. A partir dos exemplos vindos da Gestaltheorie ele dá conta das conseqüências filosóficas que as descobertas desta representam. Embora estabeleça uma crítica quanto à cisão cartesiana sobre a visão de mundo, ele utiliza os recursos das ciências para sustentar sua tese sobre a experiência perceptiva e a experiência simbólica. Talvez estes sejam os pilares sobre os quais ele refuta algumas concepções arraigadas sobre o sujeito perceptivo e o objeto percebido, sobre a consciência, o corpo e os órgãos dos sentidos, sobre o mundo e o ser que nele se insere. São preocupações filosóficas que nos movimentam na direção de inúmeros questionamentos acerca do viver, do sentir e do perceber que podem ser aplicadas na área da saúde, porque se referem ao ser humano como elemento central, sem o qual o sentido se perde.

Compreendemos que há muito a se avançar nas reflexões pertinentes ao modo de ser-no-mundo dos sujeitos, em qualquer âmbito de investigação em que eles estejam. O

pensamento de Merleau-Ponty não se esgota apenas em seus escritos. A utilização que fazemos deles, a nossa própria maneira de perceber o conteúdo expresso pelo autor, o horizonte sobre o qual reconhecemos como verdades importantes o que foi escrito são algumas das nuances a serem consideradas quando se lê o que ele escreve. E é Merleau-Ponty (1999, p. 244) que esclarece sobre este entendimento, quando afirma: “[...] começo a compreender uma filosofia introduzindo-me na maneira de existir desse pensamento, reproduzindo seu tom, o sotaque do filósofo [...] [isto corresponde a uma linguagem] e toda linguagem se ensina por si mesma e introduz o seu sentido no espírito do ouvinte.” Compreender a linguagem do outro é um desafio que supera o puro entendimento da língua e isso é o que acontece quando se estuda filosofia.

A maneira de existir do pensamento de cada filósofo se traduz por singularidades que nos dão o diapasão do raciocínio que o move. Ler e refletir sobre algumas das contribuições de Merleau-Ponty não é uma tarefa muito fácil e nos impõe um ir e vir nem sempre acomodado diante das exigências do corpo. O espírito e a vontade precisam ser constantemente acionados, o raciocínio tem que ser redimensionado diante do que se pensa saber sobre percepção, para que o corpo possa acompanhar o movimento das idéias que exigirão posições mais confortáveis para a leitura.

Este trabalho evidencia, a partir do estudo de Merleau-Ponty, que a filosofia nos abre a possibilidade da pergunta, do questionamento do que está posto como verdade sacralizada pelos papas do conhecimento, fazendo-nos mergulhar em questionamentos que nos devolvem muito da poesia e da magia que é pensar sobre nós mesmos e sobre tudo que nos cerca, com o jeito que a nossa própria percepção nos dá e através da qual construímos conhecimentos, aprendemos e sentimos o mundo com toda a singular pluralidade que nos é própria.

Acreditamos que Merleau-Ponty represente uma possibilidade na caminhada em busca da compreensão do mundo vivido por pessoas que vivenciam doenças crônicas como o câncer. Porém, como toda possibilidade, representa um caminho e só pode ser vislumbrada através de um horizonte. A partir dessa aproximação inicial, podemos aprofundar alguns questionamentos acerca da percepção de crianças com diagnóstico de câncer. Entretanto, expor como se percebe o mundo e os pensamentos decorrentes dessa percepção parece ser uma tarefa complexa, que necessita de sujeitos perceptivos e abertos a novos horizontes. Então, a tarefa do filósofo não é fácil, mas é extremamente importante na busca da compreensão do mundo.

Com Merleau-Ponty aprendemos que a percepção sempre se dá em uma relação com o corpo, a partir do qual uma perspectiva se estabelece. Isto a torna singular, caleidoscópica e fascinante. Considerar essa percepção quando percebemos o outro, leva-nos a compreendê-lo, mesmo que, às vezes, haja um significativo nó para se chegar a algum entendimento. A perspectiva interdisciplinar do pensamento de Merleau-Ponty assinalada por Corrêa (1975) é sedutora, porque abre a possibilidade de se trabalhar com a percepção de outras disciplinas sobre o mesmo fenômeno, sem que a filosofia deixe de ocupar o lugar que lhe cabe neste cenário. Estas são algumas das possibilidades que o estudo do conceito de percepção a partir do pensamento de Merleau-Ponty propiciaram-nos. Ainda que elementares, são fundamentais para a continuidade do que virá a seguir.

Outra consideração importante está relacionada ao fato de que a percepção das crianças na área da enfermagem tem sido muito pouco considerada na maioria dos estudos. As lacunas apontadas por Demartini (2002) sobre estudos com crianças e não apenas sobre crianças na área da sociologia parece que também podem ser aplicados à enfermagem. Neste sentido, tanto Merleau-Ponty como outros teóricos da Fenomenologia poderiam nos ajudar

na crítica sobre a percepção infantil presente nestes estudos, apoiando-nos na construção de conhecimentos nas mais diversas áreas, dentre elas a daquelas com diagnóstico de câncer.

REFERÊNCIAS

- CHAUI, M. de S. **Maurice-Merleau-Ponty** textos selecionados. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os Pensadores).
- CORRÊA, J. de A. Prefácio à edição brasileira. In: MERLEAU-PONTY, M. **A estrutura do comportamento**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.
- DEMARTINI, Z. de B.F. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, A. L. de. et al. **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- LABRONICI, L.M. **Corporeidade no cenário da clínica ortopédica**. Porto Alegre: Edições EST, 1999.
- MATEUS, M.C.C.; FUGITA, R.M.I.; SÁ, A.C. de. Observação em Enfermagem. In: CIANCIARULLO, T. I. **Instrumentos básicos para o cuidar**. São Paulo: Atheneu, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas**. Campinas: Papirus, 1990.
- _____. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORA, J.F. **Dicionário de filosofia**. 3. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1981.
- MOTTA, M. da G. C. da. **O ser doente no tríplice mundo da criança, família e hospital – uma descrição fenomenológica das mudanças existenciais**. Pelotas: UFPEL, 1998.
- MÜLLER, M.J. **Merleau-Ponty acerca da expressão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- POLAK, Y.N. de S. **A corporeidade como resgate humano na enfermagem**. 1996. 68 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- RADÜNZ, V. **Cuidando e se cuidando: fortalecendo o self do cliente oncológico e o self da enfermeira**. Goiânia: AB Editora, 1998.
- SOUZA, A.I.J. de. **No cuidado com os cuidadores: em busca de um referencial para a ação de enfermagem oncológica pediátrica fundamentada em**

Paulo Freire. 1995. 106 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

_____. **Cuidando da família da criança com diagnóstico de câncer a partir de Jean Watson.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em

Enfermagem na Saúde da Família) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

VALLE, E.R. do. **Câncer infantil:** compreender e agir. Campinas: Editorial Psy, 1997.

WHITTAKER, J.O. **Psicologia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1977.